

GARCIA, Regina Leite (Org). *Revisitando apré-escola*. São Paulo: Cortez, 1993.

Regina Leite Garcia, professora da Universidade Federal Fluminense, coordenadora da pesquisa "Alfabetização das crianças das classes populares: um desafio à competência da escola", ao organizar o livro *Revisitando a pré-escola*,

nos brinda com a publicação dos trabalhos de pesquisa que o grupo o qual coordena vem desenvolvendo com as escolas da Secretaria Estadual do Rio de Janeiro.

Para quem acompanha a trajetória da produção de Regina Garcia,

o que ela escreve tem sempre um endereço certo — o cotidiano escolar, compreendido, vivido e interagido, numa concepção comprometida em maximizar as potencialidades das crianças de classes populares. A leitura do livro nos revela o que podemos chamar de paixão de trabalhar em um cotidiano escolar, de forma crítica, criativa e lúdica, mergulhando adulto e criança num mundo interativo de aprendizagem.

Nesse sentido, a obra percorre um caminho político-pedagógico, com pesquisadores, professores e crianças, que exercitam o envolvimento e o comprometimento com a educação infantil, tentando discutir e superar as dicotomias: socialização/individualização, cognitivo/afetivo, racional/imaginário, sendo esses temas abordados não como assuntos isolados mas sim relacionados a determinantes políticos, sociais, culturais e educacionais que interferem no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

O livro está organizado em nove capítulos, cada um refletindo sobre um determinado tema, onde cada

autora aborda o assunto e descreve os princípios teóricos que nortearam a investigação realizada.

No Capítulo 1, Regina Garcia apresenta princípios que norteariam uma escola democrática para uma sociedade igualitária e mais justa: a solidariedade, a cooperação, a ação coletiva e a consciência social, e diz que, para tanto, numa praxis educativa, estaria sendo incentivado o trabalho em grupo, a complementaridade de ações e a generosidade da troca. Nesta perspectiva, recupera a dimensão de como a escola precisaria se colocar para contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, situando o enfoque teoricamente abordado por Vygotsky, como também estabelecendo uma linha teórica e metodológica de trabalho numa relação dialética-social-individual.

No Capítulo 2, Esteban analisa como os "jogos de encaixe" estão dispostos em sala de aula e como a forma estereotipada de manuseio deste objetos relaciona-se com os "encaixes" dos rituais escolares. Discute, também, como estão postos os princípios, as atividades

e a avaliação numa escola tradicional, onde está consolidado um projeto hegemônico de sociedade, o que contribui para considerar as respostas diferenciadas das crianças de classes populares como deficiência. Esse texto nos revela a relação existente entre a pré-escola, o processo de avaliação e o jogo, numa perspectiva de construção do conhecimento.

No Capítulo 3, Zaccur destaca o papel da repetição no processo de aprendizagem e na produção de linguagem entre adulto e criança, e fornece no texto elementos para passarmos a compreender o universo de contar e ouvir histórias, de construção da competência narrativa e comunicativa. Enfatiza a importância que a imaginação das crianças exerce para que estas se tornem donos de sua linguagem.

Sampaio, no Capítulo 4, aprofunda um tema bastante polêmico e presente na pré-escola e no processo de alfabetização. Diz ela que o momento da pré-escola é riquíssimo e poderá possibilitar à criança a articulação de várias linguagens com sentido, e sua apropriação para o uso, expressando-se, dizendo

coisas para o mundo. É fundamental que a escola possa permitir às crianças o acesso às diferentes linguagens, gráfica, gestual, plástica, cinestésica, musical, corporal, televisiva, informática, propõe a autora. Particularmente, a escola ao favorecer a apropriação da linguagem escrita prioriza situações de interação em que a escrita é utilizada na plenitude de suas funções sociais.

No Capítulo 5, Carmem Lúcia Vidal Perez continua a reflexão sobre o processo de leitura e escrita que as crianças desenvolvem desde muito cedo. O interessante neste trabalho é que a autora, utilizando trabalhos produzidos pelos alunos, procura fazer leituras relacionando-os à compreensão teórica. Destaca a fase pré-escolar, quando a criança se encontra em um processo importante de apropriação da linguagem, e ressalva que a linguagem se estrutura e se incorpora a partir de suas relações intersubjetivas com o meio social. Ainda segundo a autora, um projeto pedagógico comprometido politicamente contempla aspectos da vida da criança, através do conteúdo e de atividades de sala de aula que envolvam

imaginação, prazer, desejo, medo e ansiedade, entre outros elementos fundamentais à construção de novos conhecimentos.

No Capítulo 6, Henriques discute os diferentes pressupostos filosóficos e marcos teóricos sobre o conhecimento em Piaget e Vygotsky e também faz um resgate da pré-escola como um espaço privilegiado de construção do conhecimento. A autora mostra como Piaget e Vygotsky abordam diferentemente o desenvolvimento, a função simbólica, a relação pensamento-linguagem e a função do aprendizado, na fase pré-escolar.

Gomes, no Capítulo 7, discute a visão que se tem da pré-escola como um local onde as crianças vão brincar e passar o tempo e não como um espaço de construção de conhecimento, por isso mesmo dispensável. Nesta concepção, desvaloriza-se e desqualifica-se o trabalho realizado na pré-escola, considerado um espaço de "brincadeiras", que não precisa de sistematização e nem de qualidade, e onde a brincadeira não é entendida como um dos recursos empregados pela criança para conhecer o mundo que a rodeia.

Baron discute, no Capítulo 8, aspectos singulares próprios das circunstâncias em que se encontram os sujeitos, e isto é muito importante para que não dimensionemos a nossa compreensão de sujeito só à luz de construção e aceitação de teorias que tratam de processos gerais, cognitivos e linguísticos. Destaca a questão da criança como sujeito do conhecimento e o contraponto que a escola estabelece em modelar o sujeito: às vezes, um aluno que é considerado "adiantado", não é "estimulado" pela professora para que não fique diferente da turma. É o próprio processo de homogeneização que a escola também estabelece no seu interior.

No Capítulo 9, Tavares analisa historicamente a situação conceitual e estrutural, como também política e ideológica, das escolas comunitárias existentes no Brasil, cada vez mais proliferantes na situação educacional brasileira, questão esta relacionada à luta que as classes trabalhadoras vêm desenvolvendo, tentando pressionar o Estado para o atendimento das suas demandas educativas.

Concluindo, podemos dizer que a obra em questão é importante porque sugere a necessidade do conhecimento sobre uma proposta político-pedagógica acerca da pré-escola e de uma relação dinâmica, nessa proposta, dos vários temas abordados, numa perspectiva de construção do conhecimento, revendo estas questões em favor das crianças que são estereotipadas na escola. Ainda: os textos nos remetem a um trabalho vivido pelo

grupo, que poderá servir de referência e de troca de experiências entre professores, estudiosos e pesquisadores das áreas de pré-escola e alfabetização.

Os trabalhos das autoras nos fazem percorrer um caminho pedagógico prazerosamente desafiante em seu fazer concreto.

Maria das Graças da Silva
Universidade de Brasília (UnB)